

***Centro de Estudos Psicanalíticos***

***Do pequeno Hans ao pequeno construtor:  
a criança como analisante***

Shirley Lindenmeyer Martins

Ciclo V – 2º semestre de 2015

5ªfeira – manhã

*São Paulo – outubro 2015*

## **Introdução**

A clínica com crianças impõe alguns desafios ao analista. Este deve se deter nos movimentos significantes e não na trama imaginária, o que exige atenção redobrada, pois o brincar da criança, ligado ao discurso que ela profere, seja sobre o enredo da brincadeira ou sobre sua história familiar, será objeto da interpretação do analista.

O recorte clínico apresentado neste artigo, expõe fragmentos do início de tratamento de uma criança de sete anos que, comecei a atender à pedido de seus pais. O objetivo é poder usar esse recorte como subsídio e estímulo a uma reflexão acerca de alguns conceitos desenvolvidos ao longo da formação do curso de psicanálise (Ciclo V).

Irei chama-lo de Miguel, é um menino de sete anos, que atualmente está frequentando o primeiro ano de uma determinada escola particular da cidade de Porto Alegre. Sua mãe que o traz com a queixa inicial de que seu filho, apesar de ser bastante tranquilo tanto em casa como na escola e já estar lendo, apresenta uma fala bastante infantilizada para sua idade, incomoda-se excessivamente com alguns barulhos ao ponto de se dispersar e não concluir com o que estava fazendo.

Como seu desenvolvimento motor (caminhar e falar) apresentava uma “certa lentidão”, por volta dos três anos e meio, os pais decidem por fazer uma avaliação médica para verificar e entender o porquê deste atraso. A avaliação é feita por uma neuro-pediatra que diagnostica, sem a presença de outros profissionais, “autismo leve por lesões no corpo caloso”.

Uma particularidade nesse trabalho de atendimento psicanalítico de crianças é a escuta dos pais e das crianças em momentos distintos, o que conduz a outra dimensão dessa problemática: a não separação entre mãe e filho em termos

discursivos, efeito justamente da ausência da lei paterna barrando o desejo da mãe. Conforme Bernardino (1997), “ *as entrevistas preliminares na psicanálise com crianças, propõe como tarefa fundamental, realizar a diferenciação entre fantasia dos pais com relação ao filho, que nomeia de filho ‘filho imaginário’, e a leitura que a própria criança faz disso. Para tanto, é necessário que, num primeiro momento, algo da enunciação do adulto tenha lugar, possibilitando que num segundo momento, a criança se aproprie do sintoma para transforma-lo num sintoma analítico, inaugurando assim a análise*”.

### **Entrevistas Preliminares**

*Na primeira entrevista, a mãe traz “a angustia de não saber ao certo o que Miguel tem”, duvidando do diagnóstico médico e levanta a hipótese de algum comprometimento no intelecto. A mãe chora muito e comenta que os avós maternos fazem comentários sobre preconceito. A entrevista continua, quando a mãe faz um comentário bastante significativo: “Vou te contar uma coisa que não conto pra ninguém por vergonha, Miguel dorme comigo (e se enrola no próprio corpo como se estivesse realmente com muita vergonha do que acabara de falar). O pai dele dorme com o irmão menor e a cama de Miguel fica vazia. Tento deixar ele na cama, mas não consigo que ele fique. Ele passa a mão no meu cabelo e dorme. Meu marido fica muito incomodado com tudo isso...” (sic). Pergunto: Ele sempre dormiu contigo? e ela responde que lembra que tudo começou quando Miguel, a aproximadamente dois anos atrás teve uma disenteria muito forte e por medo que ele tivesse alguma convulsão (que nunca teve) e ficasse mais comprometido”. Pergunto: Comprometido com o quê? e ela responde: “Ahh, sei lá?... Só quero o seu bem!”(sic) e não fala em autismo. Marcamos um próximo encontro, mas desta vez com a presença de Miguel.*

## **A criança como analisante**

*Miguel chega parecendo estar agitado por não saber ao que veio, e vai perguntando: “Vamo fazê agum esame?”(sic); digo que não e que ele esta ali para brincarmos. Ele esboça um ar de preocupação, desconfiado e parece não entender.*

*Antes que eu possa apresentar algum brinquedo ao menino, a mãe se senta na ponta da mesa e retira vários materiais de sua sacola e diz: “tu não te importas que eu trabalhe aqui não é?” (ela é professora em uma escola de educação infantil). Digo a ela que pode ficar sentada ali onde esta.*

*Apresento a sala para Miguel, ele olha as prateleiras com os brinquedos, mas não toca em nada. Em seguida encontra um morcego brinquedo e o faz voar. Ouve o barulho das buzinas dos carros na rua, e vai em direção a janela. A mãe, que esta próxima, comenta neste momento: “Viu como ele se dispersa com os sons?”. Não digo nada.*

*Ficamos em frente à janela observando e conversando sobre tudo que vemos e ouvimos: carros, ônibus, pessoas, animais... Ele faz algumas omissões e troca de fonemas em algumas palavras e com certa infantilidade, porém desenvolve e utiliza um número grande de palavras em seu vocabulário, parecendo bem próprio para sua idade.*

*O convido para brincar e ele escolhe alguns carrinhos, monta uma pista para os carros no tapete. Brinca um pouco e em seguida se levanta e pega uma bola de isopor e pede para que jogue com ele de “bola na cesta”. Ficamos ali um bom tempo (aproximadamente vinte minutos) e ele vai me contando da escola, das*

*canchas de futebol, sobre seu amigo João. Refere-se a atual professora chamando-a de um determinado nome e a mãe interfere e diz que: “Como é o nome da tua profe?”(sic). Ele diz que é Ana e ela complementa que esta era a antiga professora e que agora é Maria. Não digo nada.*

*Ficamos brincando e ele diz que gostou de brincar. Levanta-se rapidamente e pede para fazer xixi, mostro onde fica o banheiro e saio dali. Ele diz estar pronto e quando vou entrar me dou conta que ele esta com as calças ainda baixadas, peço para que arrume a calça levantando-a, ele parece não ouvir. Repito. Em seguida, arruma-se, entro no banheiro e dou descarga. Ele se incomoda com o barulho da descarga, coloca as mãos nos ouvidos e diz não gostar deste “barulho”. Peço para que lave as mãos e ele pergunta se pode colocar o papel no lixo e soletra a palavra para mim (na lixeira estava escrito LIXO) e comprovo que ele lê. Nesse momento lembro me do artigo relatado por Freud sobre o pequeno Hans, onde o próprio Freud identifica como primeiro traço da vida sexual do pequeno e como este mantém “um interesse particularmente vivo por seu ‘pipi’, ... e ele assim descobre que a presença ou ausência de um pipi tornava possível diferenciar objetos animados de inanimados; ... sua curiosidade sexual desenvolveu-se, e ao mesmo tempo ele gostava de exhibir seu próprio pipi”(p.113 e 118).*

*Nosso horário chega ao fim, combinamos de nos encontrar em outro dia, ele despede-se de mim com um abano de mão.*

*Em um novo encontro Miguel chega, tira os tênis e joga-se nas almofadas. Levanta-se e pega a caixa do jogo “Pequeno Construtor” e os espalha sobre o tapete, pedindo para que façamos um edifício.*

Quando brinca em análise, a criança põe em jogo “ os significantes que a marcaram... porém, agora, em uma nova combinatória, inédita, criada exclusivamente por ela, de sua própria autoria”(Tavares, 1998).

*Em mais um encontro, Miguel chega parecendo bem mais tranquilo que das outras vezes. Vai logo tirando os tênis, ficando de pés descalços e se jogando nas almofadas. A mãe chama a minha atenção e conta que estão arrumando o quarto do Miguel: “Sabe Shirley, o Miguel disse que só vai para o quarto quando tiver o videogame dele lá, não é Miguel?” (sic). Ele nem olha para a mãe. E ela continua: “A vovó e eu estamos arrumando o quarto e já tiramos até o guarda roupas de lá, ocupava muito espaço e agora vamos colocar a televisão para ele. Ele disse que vai dormir lá! Não é Miguel?” (sic). E enquanto Miguel arruma as almofadas e brinquedos da caixa, a mãe continua falando: “Ontem ele teve uma dor de cabeça tão forte, mas tão forte, que começou a chorar muito e fiquei apavorada, estava até pensando em leva-lo no Pronto Socorro. Aí dei um analgésico e ele acabou dormindo no meu quarto mesmo! Bom, preciso dar umas voltas e não queria atrapalhar. O que tu achas?”, mas olhando para Miguel e não para mim, a quem ela endereçava a pergunta. Digo a ela que pode ir dar as voltas que precisa e quando faltar cinco minutos antes do término da sessão ela volte. Ela novamente volta a olhar para o menino, que não responde nada, se despede e sai.*

*Digo: “Então Miguel, tudo bem contigo? – ele responde: “Tudo bem!” entendo que ele não quer falar sobre a “dor” de cabeça e em seguida me convida para brincarmos com o Pequeno Construtor e pede para fazer edifício. Pega a caixa e fica bem perto de mim (ao meu lado) e diz que vai construir um edifício e a primeira peça que pega é uma ponte e me oferece outra ponte para que coloque junto à dele e sirva de alicerce.*

Identifico nestas pontes, a possibilidade de ligação entre ele e a analista. Nesse sentido, o jogo e a transferência sustentam-se mutuamente no tratamento psicanalítico com crianças, permitindo a analista operar com a interpretação. Em outras palavras, a brincadeira é o objeto e meio, enquanto a transferência é meio, e não objeto, para a interpretação.

*Coloca vários blocos sobre as pontes, um relógio e desmancha tudo. Começa tudo novamente e troca o relógio por outro e diz que é para marcar o tempo. Nesta ocasião lembro que na sessão anterior ele me questiona sobre um relógio que estava sobre a mesa e que havia dito que este era para marcar o tempo do encontro. Percebo o quanto o relógio o perturba, porque passa de quando em quando olhando para o relógio. Porém, nesta sessão ele não vai em direção ao relógio, mas traz na sua brincadeira a marcação verbal do tempo. Penso o que isso poderá estar significando e digo: “ Temos tempo, temos bastante tempo para ficar ali!” e penso, tempo de pensar, tempo de levantar hipóteses, tempo de poder encontrar respostas...*

*Enquanto monta e desmonta o “edifício” varias vezes, encontra um personagem que chama de Cantor, e o joga no edifício desmoronando-o algumas vezes. Até que decide, rindo do desmoronamento, jogar o cantor contra a parede. As primeiras vezes, joga sem exigir muita força, vai busca-o e volta a jogá-lo, após várias investidas, joga-o com muita força, pois a expressão no seu rosto é de um misto de raiva e força (aperta os lábios). Fica nesta ação até cansar, se joga nas almofadas e dá um grande suspiro. Permanece ali por alguns minutos e levanta-se rapidamente falando que quer fazer xixi e vai em direção ao banheiro..., de lá grita: “tô ponto!” (sic), pergunto se já colocou a roupa e ele responde afirmativamente. Porém, ao me aproximar da porta do banheiro verifico que ainda não colocou as*

*suas roupas e peço que o faça. Ao que ele imediatamente atende, e me pede para ajuda-lo a dar descarga, porém pede que coloque as minhas mãos sobre os seus ouvidos. Ele comenta que o som é forte e que não gosta. Lava e seca as mãos e volta para as almofadas se jogando sobre elas, como se estivesse exausto. Fica ali deitado, coçando sua barriga e pergunto: “cansastes?” ele responde que “sim!”. Pergunto: “A brincadeira estava boa?” ele responde: “sim!” (com um sorriso nos lábios).*

*A mãe chega em seguida, ele vai em sua direção sorrindo e se despede de mim dizendo: “Oto dia venho de novo!”(sic). Vira-se novamente para mãe e diz sorrindo: “Mamãe hose eu queio descê de elevadoi!”(sic) e a mãe pergunta: “tem certeza?” e ele: “Sim, hose tenho coagem”(sic).*

O brincar é inevitável para a criança, uma vez que corresponde ao próprio movimento de sua estruturação psíquica.

É função do analista não se deixar enredar pela trama tecida na demanda dos pais, manejando-a no sentido da criação de um espaço verdadeiramente analítico para a criança.

No artigo “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” publicado em 1909 Freud, conta com a colaboração do pai do menino Hans: “ ... Ninguém mais poderia, em minha opinião, ter persuadido a criança a fazer quaisquer declarações como as dela; o conhecimento especial pelo qual ele foi capaz de interpretar as observações feitas por seu filho de cinco anos era indispensável; sem ele as dificuldades técnicas no caminho da aplicação da Psicanálise numa criança tão jovem como essa teriam sido incontornáveis. Só porque a autoridade...”(p.15).



Para Freud, então, é o fato de combinar-se na mesma pessoa a tarefa de analisar e de educar que cria as condições para aplicação da técnica. Essa contribuição freudiana serve de modelo de trabalho para alguns analistas, dentre eles Anna Freud e Melanie Klein, cujas obras diferem inteiramente sobre as relações entre a Psicanálise de crianças e a educação. Melanie Klein vai desenvolver um novo método de Psicanálise infantil através do jogo, do brinquedo, do desenho, do recorte, procurando preservar todos os princípios da psicanálise de adultos com “ a única diferença que os meios técnicos empregados se adaptam às mentes das crianças”.

Mais tarde, na França a partir de 1939 surge o nome de Françoise Dolto ligado à Psicanálise infantil. Em seus estudos recebe certa influência dos primeiros ensinamentos de Lacan. Dolto lança as bases de um método psicanalítico para o tratamento de crianças centrado na escuta do inconsciente, e inclui a posição parental no tratamento.

Outro nome de destaque é o de Maud Mannoni, ela deve sua formação como psicanalista de crianças a Dolto e a colaboração teórica de sua experiência, ao ensino de Lacan. Para Mannoni (1971, p.9) o campo em que o analista opera: *“...é o da linguagem (mesmo se a criança ainda não fala). O discurso que se processa engloba os pais, a criança, o analista; é um discurso coletivo que se constitui em torno do sintoma apresentado pela criança”*.

Sabemos que o nascimento de uma criança dificilmente corresponde exatamente ao que os pais esperam dela, então quando estamos diante dos pais que solicitam ajuda para o filho, estamos também diante da problemática própria de cada um deles. Pais e filhos constroem uma história cujo enredo os enreda inevitavelmente.

*Nos encontramos mais uma vez, Miguel como nos outros dias, chega e já vai tirando seus calçados e pegando o brinquedo do pequeno construtor. A mãe parece quer me contar algo e antes que saia faz um breve, mas significativo comentário: “Shirley tenho que te contar a ultima de Miguel. Minha mãe e eu conversávamos perto dele, quando ela falou afirmativamente que quarto de criança é de criança e quarto de adulto é de adulto! E ele (Miguel), rapidamente disse: Eu sô o maído dela, então eu vou dormir com ela! Durma-se com este barulho!”(comentou rindo). Eu nada comentei e ela me inquiriu: - e tu não dizes nada? (sic) E fiz: Ahan!(como sim, entendo). Em seguida a mãe saiu.*

*Lembrei-me rapidamente do pequeno Hans, quando o menino descobre o caminho para o amor objetal, pelo cuidado que recebera de sua mãe quando ainda era bebe, e um novo prazer tinha se tornado o mais importante para ele, o de dormir ao lado de sua mãe. Voltei-me para Miguel e começamos a brincar de montar e desmontar o edifício e nada falamos sobre isto. Neste dia ele permaneceu mais calado, somente fazendo gestos para designar o que queria fazer e permanecemos em silencio até o momento que ele quis ir ao banheiro para fazer xixi. Levantou-se e foi, desta vez não chamou-me. Fez xixi, disse que estava pronto e pediu para lavar as mãos, no que concordei somente falando da sala, sem ir em sua direção. Ele volta e pede para desenhar, lhe alcanço uma folha em branco e ele desenha um circulo que ocupa praticamente o centro da folha e no canto desenha uma flor e diz que é uma margarida. Volta para as almofadas e fica ali olhando para os brinquedos aninhando-se nelas. Pergunto se quer brincar mais um pouco, ao qual ele responde não querer. Digo: Ok, então vamos ficar assim! Nosso encontro acaba ali e marcamos de nos encontrar em um outro dia, ele desta vez se aproxima e me puxa para me dar um longo abraço e um beijo em meu rosto. Despeço-me de mãe e filho.*

Ao voltar para meus apontamentos, lembrei-me do comentário da mãe sobre o medo de Miguel em ir ao médico, fazer exames e mais especificamente quando encontrou-me pela primeira vez e questionou se faria algum exame. A ansiedade ali apresentada me fez pensar sobre a possível fobia que Miguel apresentava e semelhante à fobia de Hans em relação aos cavalos. Penso que precisarei colher mais informações com os pais sobre estas manifestações de Miguel.

Continuaremos o tratamento.

## **Referências Bibliográficas**

**DOLTO, F.; NASIO, J.D.** (2008) A criança do espelho. Rio de Janeiro: Zahar.

**FREUD, S.** (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1977. Vol. X.

**MANNONI, M.** (1971). A criança atrasada e a mãe. Lisboa, Moraes.

**MANNONI, M.** (1986). A primeira entrevista em Psicanálise. Rio de Janeiro, Campus.

**NASIO, J.D.** (1999). Como trabalha um psicanalista. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.